



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III

RAMOM DE ALMEIDA SOUSA

**A PERSONAGEM FEMININA REVISITADA EM “DOZE REIS E A
MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO”**

GUARABIRA – PB

2018

RAMOM DE ALMEIDA SOUSA

**A PERSONAGEM FEMININA REVISITADA EM “DOZE REIS E A
MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO”**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Neres Araújo Da Silva.

GUARABIRA – PB

2018

S725p Sousa, Ramom de Almeida.
A personagem feminina revisitada em "Doze reis e a moça no labirinto do vento" [manuscrito] : / Ramom de Almeida Sousa. - 2018.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Contos de fadas. 2. Representação feminina. 3. Marina Colasanti.

21. ed. CDD 398.2

RAMOM DE ALMEIDA SOUSA

A PERSONAGEM FEMININA REVISITADA EM "DOZE REIS E A MOÇA NO
LABIRINTO DO VENTO"

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras,
da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo da S. Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof.^a Ms. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, me concedendo forças para continuar o curso e finalizar este trabalho, guiando e me orientando em minhas escolhas durante toda minha caminhada.

A toda minha família, em especial meus pais: Luciana Gonçalves de Almeida e Carlos Alberto de Sousa por todo amor, apoio e incentivo perante todos os percalços que surgiram em minha trajetória.

À professora e orientadora Rosângela Neres, por toda sua paciência e dedicação com todos os seus alunos. Um exemplo de ser humano que ama aquilo que faz e uma mulher que transborda amor e conhecimento a todos à sua volta.

Aos meus colegas de classe, por todo apoio e companheirismo no decorrer do curso, especialmente, meus amigos: Núbia, Franciana e Laís pela nossa amizade construída através de muito amor e fidelidade, parceiros de trabalhos que irei levar para sempre em minha vida.

A todo corpo docente do curso de Letras, em especial Iara Martins, Aparecida Lima, Eduardo Valones, Maria Neni, Izandra Falcão e Maria Suely, que ao longo da minha caminhada partilharam conhecimentos e experiências para minha formação acadêmica.

À universidade e sua direção, juntamente com a administração e coordenação, em especial à funcionária Marcielly Félix por toda sua ajuda e eficiência durante esses quatro anos em que estudei. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste sonho.

“Seis palavras bastam para costurar um conto fora das margens. Com tão pouco, nos remete a cargas culturais, fala de mistério, diz da consistência do impalpável, e encerra uma viagem no imaginário.”

Marina Colasanti

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A PERSONAGEM FEMININA NO CONTO DE FADAS: do clássico ao moderno	10
1.1 A princesa aos moldes clássicos	12
1.2 A princesa na atualidade	13
2 DESCONSTRUINDO O CONTO DE FADAS CLÁSSICO: a literatura infantojuvenil na modernidade	15
3 “DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO”: a personagem feminina revisitada	17
3.1 A Mulher que tece seu destino em “A Moça Tecelã”	18
3.2 O Querer da Mulher em “Onde os Oceanos se encontram”	20
3.3 A Mulher na Busca da sua Identidade em “À Procura de um Reflexo”	22
3.4 A Soberania Feminina em “Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento”	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
ABSTRACT	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXO A – A Moça tecelã	28
ANEXO B – Onde os Oceanos se Encontram	30
ANEXO C – À Procura de um Reflexo	31
ANEXO D – Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento	34

A PERSONAGEM FEMININA REVISITADA EM “DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO”

SOUSA, Ramom de Almeida¹

RESUMO

Ao longo dos séculos, os contos de fadas foram passando por transformações essenciais em suas composições, associadas às diversas mudanças sociais e políticas ocorridas em nosso meio. Diante deste fato, buscamos no presente trabalho analisar a respeito de como a personagem feminina é representada nos contos de fadas modernos, objetivando evidenciar a valorização e os novos papéis sociais que a mulher representa nessas histórias. Para tanto, analisaremos quatro contos da escritora Marina Colasanti: “A Moça Tecelã”, “Onde os Oceanos se encontram”, “À Procura de um Reflexo” e “Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento” todos publicados na coletânea “Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento (1982)”. Através de um estudo de caráter analítico, nos embasamos no arcabouço teórico dos autores Bruno Bettelheim (1980), Soares e Carvalho (2015), Mendes (2000), Duarte (2003), Hollanda (1994) e Alberti (2006), mostrando a representação feminina proposta pelos contos maravilhosos e sua atualização para a literatura infantil e juvenil atual. O presente estudo nos proporcionou uma constatação efetiva acerca das diferenças e semelhanças na construção e representação das personagens femininas quando relacionadas com os contos de fadas clássicos e a nova representatividade da imagem feminina em nossa sociedade.

Palavras-chave: Contos de fadas. Representação feminina. Marina Colasanti.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, os contos de fadas foram sendo criados através de representações, imagens e princípios que constituem, de maneira paradigmática, a sociedade de determinada época. Essas histórias chegam para povoar o imaginário das pessoas, fazendo refletir os atos humanos nas narrativas, destacando e representando assim, os papéis de gênero estabelecidos em cada época em que é contada, influenciando, dessa forma, o processo de formação de identidade que acaba sendo passado de geração em geração.

¹ Graduando em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: ramom-almeida@hotmail.com

Inicialmente adaptados da tradição oral por Charles Perrault e posteriormente pelos Irmãos Grimm, os contos clássicos trazem na personagem feminina atitudes que se esperavam delas, ou seja, a imagem de uma mulher humilde, submissa e passiva. Personagens que vivem enclausuradas no ambiente doméstico, histórias que enfatizam a exacerbação de um ideal de beleza inalcançável, ou seja, características típicas do patriarcalismo e dos ideais vigentes existentes naquele período.

Com o passar das décadas o papel feminino foi se transformando, a mulher que antes era vista apenas como um ser submisso ao homem começou a ganhar voz e espaço na sociedade, na busca de autonomia e garantia de direitos iguais. Na literatura, personagens femininas cada vez mais foram ganhando altivez, independência e poder. Tais características são bastante frequentes nas narrativas de Marina Colasanti, que traz em seu arcabouço grandes obras voltadas para o público infantojuvenil.

Por meio de uma linguagem sensível e de figuras características dos contos de fadas, Colasanti compõe personagens femininas de forma singular, providas de voz e de autenticidade na busca da composição da identidade feminina, por conseguinte, estabelece a condição social e cultural da mulher, ou seja, são personagens que buscam romper com o comportamento patriarcal, determinado socialmente e historicamente em nosso meio.

Sendo assim, tomando como ponto de partida bases teóricas e reflexões de Soares e Carvalho (2015), Bettelheim (1980), Mendes (2000), Duarte (2003), Hollanda (1994), dentre outros, este trabalho de caráter analítico objetiva, a partir de um novo olhar do papel social feminino, fazer uma análise da representação da personagem feminina nos contos "A Moça Tecelã", "Onde os Oceanos se encontram", "À Procura de um Reflexo" e "Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento", todos inseridos na coletânea "Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento" de Marina Colasanti, mostrando como a personagem é representada na visão do conto maravilhoso, na modernidade.

No primeiro capítulo, intitulado "A personagem feminina no conto de fadas: do clássico à modernidade", buscar mostrar um breve panorama das mudanças ocorridas na sociedade e como elas alteraram as características dos perfis das personagens principais nos contos de fadas, fazendo um contraponto nas definições das princesas apresentadas nos contos clássicos e modernos.

No segundo capítulo, denominado “Desconstruindo o conto de fadas clássico: a literatura infanto-juvenil na modernidade” destacamos o rompimento promovido pelos contos de fadas modernos na composição dos contos de origens clássicas, enfatizando o valor da renovação dessas histórias de acordo com as mudanças sociais ocorridas na atualidade.

Em seguida, procedemos a análise do trabalho, verificando em cada conto supracitado como a personagem feminina é representada nas histórias de Marina Colasanti, destacando os novos papéis sociais que assumiram. Por fim, nas considerações finais, apresentamos o resultado deste trabalho, o que concluímos com o processo de análise da representação feminina e o valor do trabalho de Colasanti na ressignificação do conto maravilhoso para a literatura infantojuvenil.

1 A PERSONAGEM FEMININA NO CONTO DE FADAS: do clássico ao moderno

Presente em nossa cultura desde os primórdios de nossa história, os contos de fadas foram com o tempo sofrendo modificações para se adequar à época na qual se estava inserido. Capazes de despertar o imaginário das crianças e também de adultos, sustentam em sua estrutura narrativa uma ligação entre o mundo real e o imaginário, motivando nos leitores uma reflexão acerca das questões de seu cotidiano.

Os contos de fadas são um importante instrumento para a formação de um sujeito-leitor, uma vez que, desenvolvem sua capacidade intelectual. Nesse sentido, Bruno Bettelheim (1980, p. 12) afirma que, “[...] Quando as crianças são mais novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação”. Dessa forma, os contos estimulam a imaginação e podem contribuir para a criança encontrar um propósito em seu desenvolvimento pessoal.

Bettelheim enfatiza essas particularidades dos contos, quando afirma que:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter. (BETTELHEIM, 1980, p. 32)

É por meio dos contos de fadas que a criança terá seu contato primeiro com a literatura infantil. Histórias de princesas e finais felizes são características que estão

consagradas em diversos livros para crianças. São versões difundidas através dos séculos, com base em cada época estabelecida. Porém, hoje em dia algumas das características dos contos clássicos acabam sendo antiquadas para nossa realidade atual.

Constata-se que muitas dessas histórias atribuem às personagens femininas características de subordinação, com objetivos de vida apenas para o casamento e dedicação ao ser masculino. Sempre frágil, dócil e imaculada, a jovem nos contos clássicos espera compassivamente, por um final feliz e por um príncipe que vem lhe tirar da sua vida rotineira. Perrault buscou retratar a imagem que a personagem feminina tinha naquela sociedade, de acordo com os ideais vigentes do patriarcalismo. Como podemos conferir nas palavras de Mendes:

[...] as princesas e as camponesas que se tornam princesas são símbolo de fragilidade, que deveria caracterizar as mulheres terrenas, seres humanos submissos às contingências do destino e a moral determinada pela sociedade. (MENDES, 2000, p.129)

As narrativas clássicas salientam esses atributos, para que fosse tratado como um modelo de comportamento a ser seguido e estabelecido nas jovens daquele tempo. Até o final do século XIX, o papel da mulher permaneceu o mesmo. No entanto, com a chegada dos movimentos pela luta das mulheres por direitos iguais, a figura feminina começou a ter uma reestruturação. Despertada pelos símbolos de opressão, juntamente com os impasses históricos-sociais que afligem a existência da mulher, Marina Colasanti, bem como outras escritoras se manifestaram em pró da luta feminina.

Colasanti compõe personagens femininas, com base nos contos de fadas clássicos, contudo, propõe a partir deles uma redefinição em suas personalidades, compondo personagens fortes, reflexivas e que buscam estabelecer essa nova realidade do papel social feminino em nosso mundo. Trataremos mais detalhadamente a seguir, como a personagem da princesa é representada nos contos de fadas clássicos e contemporâneos.

1.1 A princesa aos moldes clássicos

Desde sempre, o papel feminino esteve constantemente representado nas histórias contadas para o grande público. Com funções de destaque nessas narrativas, as mulheres eram inseridas desde o protagonismo, até possuindo seus nomes nos títulos dos contos, como demonstra Soares e Carvalho (2015, p. 76) “[...] estudos historiográficos mostram que grande parte das histórias maravilhosas apresentam mulheres como personagens-título ou em papéis de destaque [...]”. Porém, o que realmente se diferencia do que vemos hoje em dia, é a forma como a mulher está representada nessas histórias.

Como já apresentado ao longo da história, os contos de fadas foram desenvolvidos sob a base de ideias e representações que marcavam a mentalidade estabelecida de cada época. Com base nos contos tradicionais, aqueles originalmente escritos por Charles Perrault, a mulher era evidenciada como um modelo de fragilidade e um ser totalmente dependente do homem, característica padrão e ideal para a sociedade patriarcal determinada naquele tempo.

Percebe-se, a partir desses contos clássicos, que os atributos das personagens femininas apresentam a mesma regularidade: a resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e impostas por uma sociedade patriarcal. (SOARES E CARVALHO, 2015, p. 76)

Representadas de forma submissa e olhares do patriarcalismo, as mulheres nessas histórias viviam presas no recinto doméstico, dependiam de casamentos arranjados e designados pelos familiares, em que na maioria das vezes eram realizados apenas por interesses econômicos.

Essas características próprias das princesas apresentadas nos contos de fadas são atributos físicos e morais referentes ao papel da mulher idealizada na sociedade burguesa. Esses atributos femininos estão evidentes nas princesas criadas por Perrault.

Cinderela, Bela Adormecida e Chapeuzinho Vermelho são muito lindas, dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, mãe malvada. Essas características definem a imagem da mulher que o artista captou numa determinada época

e transmitiu à posteridade, valorizando o seu papel na sociedade. (MENDES, 2000, p. 124).

Perrault retratou essas características, transformando suas princesas em personagens gentis, imaculadas e belas. A figura feminina, nesse sentido, assemelha-se à figura infantil, que necessita de condução e proteção. Um outro atributo frequentemente evidente em seus contos, é a exacerbação da beleza. Esse estereótipo de beleza inatingível era algo praticamente obrigatório nas figuras das princesas. Os príncipes ficavam totalmente impressionados pela aparência das jovens, como se tal particularidade fosse o único atributo presente nelas.

Esta característica está associada ao fato das mulheres buscarem um ideal de beleza impossível, uma obstinação pelo padrão considerado socialmente adequado naquela época, como mostra Soares e Carvalho (2015, p. 77): “[...] essas narrativas são concebidas como parte da tradição que influencia a criança e a leva apreender padrões de comportamento e ideias privilegiados pelo contexto de produção da obra [...]”.

Assim sendo, tais histórias contribuem para a consolidação de um padrão feminino que perpassa as gerações e acaba entrando em choque com os novos comportamentos da atualidade. Por esse viés, as novas histórias têm se modificado e apresentado um novo papel para a princesa, como veremos no tópico a seguir.

1.2 A princesa na atualidade

Como já apresentado, até o final do século XIX, o papel feminino na sociedade tinha o casamento como foco. Com o passar do tempo, a mulher ganhou voz e espaço social, objetivando uma mudança necessária em sua representação.

O feminismo foi um movimento genuíno que modificou as relações entre homens e mulheres, concretizando uma grande mudança nos ideais de nossa sociedade, tendo como exemplo a luta pelo voto, o direito à escolarização e posteriormente o direito de frequentar as universidades, a escolha da própria profissão, dentre outras conquistas. Duarte (2003) define o feminismo “[...] como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.” A luta do feminismo foi necessária para se romper

barreiras da intolerância e o surgimento de novos âmbitos, juntamente com um novo ideal de vida.

Desse modo, as transformações do papel feminino, as novas representações sociais de gênero foram se alterando, passando a um novo modo de pensar, de uma nova ideologia, e também um novo imaginário. A diferenciação entre homens e mulheres, quanto ao seus papéis sociais, é algo que se tenta concretizar em nosso meio, por isso, os ganhos das lutas das mulheres reconfiguram seu papel nas artes e na literatura.

Em termos de estudos literários, a perspectiva feminista além de ter proporcionado uma experiência estética voltada para a reflexão do olhar feminino, possibilitou também o questionamento de obras que compõem o cânone literário consagrado. Assim, a representação da mulher, a partir de obras de autoria feminina, é capaz de promover uma reflexão sobre o papel social ocupado por elas na vida social e na cultura. (SOARES E CARVALHO, 2015, p. 78)

A representação da mulher moderna, nos contos de fadas, é extremamente propícia para os jovens leitores de nossa época para refletirem sobre o papel social que elas possuem na vida e em nossa cultura. Atualmente, as narrativas apresentam princesas que ilustram bem essas transformações ocorridas em nossa sociedade, pois são personagens independentes, possuem voz, são capazes de se rebelar contra um padrão social exigido delas.

Essas novas características estão presentes nas diversas narrativas de escritoras que se puseram à frente da causa feminina, mostrando novos ideais e perpassando papéis sociais que até então estavam delimitados pela sociedade patriarcal. Dentre elas estão: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Lya Luft, e mais especificamente na literatura infantojuvenil encontramos Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e a nossa escolhida para análise literária, Marina Colasanti.

Marina Colasanti, através de uma linguagem sensível, compõe personagens repletas de voz e distintivas em seu papel feminino, dentro dos contos. Suas heroínas, princesas, ninfas e tecelãs, buscam contribuir para a (re)construção da identidade feminina e, conseqüentemente, apresentar para os leitores a nova condição social da mulher, na atualidade.

As obras colasantianas são marcadas pela grande diversidade de gêneros literários existentes nelas, visto os inúmeros caminhos que a escritora percorreu, em sua criação literária. Soares e Carvalho (2015, p. 77) destacam que: "[...] Colasanti transitou pelo jornalismo, escreveu crônicas, poemas, contos e romances, como também demonstra seu talento através da pintura e do desenho, assinando a ilustração de vários de seus livros." Tal pluralidade de sua carreira torna sua obra variada e rica, cheia de nuances e características que favorecem a reflexão sobre as mudanças sociais.

2 DESCONSTRUINDO O CONTO DE FADAS CLÁSSICO: a literatura infantojuvenil na modernidade

Entre os séculos XIX até o XXI, nossa sociedade vem passando por diversos processos de transformação. Os âmbitos das comunicações, artes, ciências modificaram-se, ocasionando mudanças no pensamento de nosso meio.

Com o processo evolutivo da sociedade ao longo do tempo e as diversas mudanças culturais ocorridas, as narrativas produzidas na modernidade até os dias atuais dialogam com as narrativas clássicas, mas adquirem as características dessas mudanças. Assim, os contos produzidos no decorrer deste tempo acabam não mais abarcando propostas e valores presentes nas narrativas de Perrault ou dos Irmãos Grimm. Tal fato impulsiona o surgimento do conto de fadas moderno, onde incluem princípios ideológicos da atualidade e as características estéticas da cultura em que vivemos hoje em dia.

Alberti, em sua dissertação de Mestrado, ressalta a importância da renovação dos contos de fadas para as crianças da atualidade:

[...] As crianças modernas, observadoras e com um acesso à informação, como nunca visto antes, são mais exigentes, não se deixando encantar completamente por uma Cinderela pueril, "à moda antiga". Nesse aspecto, ressalta-se a importância da renovação dos tradicionais contos de fadas, em que a heroína se parece mais com os sonhos dos jovens modernos, uma princesa em tempos de internet, uma Cinderela "descolada". (ALBERTI, 2006, p. 10) (Grifos do autor)

Vemos, então, que a literatura infantil no decorrer destes três séculos passou a tomar diversos caminhos, objetivando um novo olhar para a obra literária, buscando uma renovação para a transmissão de valores já enraizados e sistematizados pelo tempo. Durante esse período, vários autores foram surgindo, trazendo obras para o público jovem com diferentes linguagens e temáticas e novos perfis de personagens a serem contados.

As narrativas dos contos de fadas modernos apresentam personagens que não se encaixam em papéis sociais pré-determinados. São personagens conflituosas, questionadoras, algo mais próximo da nossa realidade, diferentemente dos contos clássicos, em que os personagens ou são bons ou são maus, sem possibilidade de escolha ou reconfiguração.

As princesas, por exemplo, são personagens simbólicos dos contos de fadas tradicionais e sem compromisso com o mundo real, apesar de refletirem estereótipos sociais. Nas novas histórias, tentam questionar os valores sociais, as relações de poder e de gênero:

A linguagem simbólica, cheia de fantasia e magia, faz com que as narrativas maravilhosas pareçam não corresponder aos anseios da modernidade. Os contos de fadas foram revisitados com maior intensidade a partir dos anos 1970. Autoras como Marina Colasanti e Ana Maria Machado utilizaram o gênero de maneira diferenciada daquela de tempos atrás, fugindo dos conceitos moralistas que os contos recebiam. (ALBERTI, 2006, p. 39)

Diversos contos de fadas tradicionais dispõem de cenários e ambientações que são espelhos de ideologias patriarcais. A sociedade medieval, por exemplo, está presente na maioria das histórias infantis, que pré-definem a figura feminina a partir de conceitos moralistas e estereótipos.

O conto de fadas moderno vem modificar esses conceitos, porque “[...] a renovação de histórias é uma forma, proposta por autores contemporâneos, de criar uma imagem capaz de contestar estereótipos e modelos moralistas que se mantiveram atrelados às obras infantis por muito tempo” (ALBERTI, 2006, p.36).

Através da construção de um texto flexível e atrelado às características exigidas pela modernidade, os contos reconstróem a trama narrativa, representando diferentemente os personagens, o espaço, o tempo e as reflexões sobre a sociedade.

Diante disso, Coelho (2000, p. 151) afirma:

Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Essas transformações estão presentes na representação da figura feminina, em que ao considerar as adequações sociais e culturais, os contos contribuem para desestabilizar e dissolver um paradigma enraizado. Diante disso, mostraremos a seguir, como a personagem feminina vem sendo representada pela autora Marina Colasanti nos contos “A Moça Tecelã”, “Onde os Oceanos se encontram”, “À Procura de um Reflexo” e “Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento”.

3 “DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO”: a personagem feminina revisitada

Através dos diversos vieses em que foi inserida no caminhar de nossa história, a figura feminina na literatura está finalmente ganhando seu devido reconhecimento, após séculos e séculos de desvalorização e supressão, a nova imagem da mulher vem sendo redefinida através da participação ativa de mulheres e outras minorias nas mudanças de ocorridas em nossa sociedade.

Enveredada por este caminho, Marina Colasanti traz, na coletânea “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”, treze contos escritos com uma linguagem extremamente sensível e poética. São histórias que retomam a forma e o encantamento dos contos de fadas clássicos, porém com temáticas e abordagens diferentes.

Por meio de personagens clássicas, Colasanti vem propor uma nova definição da imagem da mulher, instigando no público-leitor uma reflexão a respeito de como elas foram representadas nessas histórias infantis.

A reflexão sobre a representação da menina e da mulher apresentada nos contos de Marina Colasanti propõe um revisionismo crítico na interpretação

desses sujeitos socio-históricos, uma vez que essas personagens, quando representadas na literatura, apareciam enfeitadas de estereótipos, marcadas pelo silêncio e pela obediência aos valores vigentes. (SOARES E CARVALHO, 2015, p. 79).

Dessa maneira, Marina Colasanti vem quebrar com o conceito que foi firmado sobre as personagens femininas nos contos clássicos. Com a utilização do maravilhoso e do fantástico em suas histórias, descreve novos contornos na representação dessas personagens, como veremos a seguir, na análise de quatro dos treze contos de “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”.

O principal critério usado para a escolha desses quatro contos foi a sua relação com o universo dos contos clássicos, sobretudo, a representação da personagem feminina que diferencia da representação tradicional nos contos de fadas.

3.1 A Mulher que tece seu destino em “A Moça Tecelã”

Da mesma forma como nos contos de fadas clássicos, no primeiro conto em análise, intitulado “A Moça Tecelã”, vemos uma mulher como personagem principal da história. Em sua narrativa, somos apresentados a uma jovem, que tem como ofício, o trabalho com a tecelagem. Já de início fica claro para nós leitores, que esta atividade é a sua única dedicação.

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. (COLASANTI, 2006 p. 10)

Graças aos poderes de seu tear mágico, a jovem tecelã passa horas tecendo qualquer tipo de objeto que possa suprir suas necessidades:

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete [...] (COLASANTI, 2006 p. 10).

Marina Colasanti utiliza o ofício da tecelagem nessa história com o objetivo de remeter metaforicamente às atividades que antigamente eram específicas da área feminina. Porém, é justamente nela que a narrativa ganha novos ares e contextos. Por meio da utilização do maravilhoso e do fantástico, Colasanti faz com que sua protagonista possa construir seu próprio destino. É durante seu trabalho que ela pode exprimir seus anseios e vontades.

Contudo, com o passar do tempo, a tecelã percebe que se sente só e vê a necessidade de criar um marido para lhe fazer companhia: “Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado” (COLASANTI, 2006 p. 12). Inserido como dado de reflexão à idealização do casamento e da maternidade, muito presente nos contos tradicionais, a própria protagonista percebe que talvez este não seja um caminho adequado para sua completa felicidade:

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar. (COLASANTI, 2006 p. 12).

O marido criado através do seu próprio tear começa a apresentar características de superioridade e dominação, exigindo cada vez mais bens materiais quando percebe o poder da esposa. Passa então a controlar o que ela cria no tear e seu bem-estar acaba sendo substituído por dor e tristeza.

Dessa forma, a jovem deduz que o marido também era uma obra sua, criada com o objetivo de lhe proporcionar alegrias e companheirismo, mas se tornou apenas uma decepção, capaz de ela não suportar mais a realidade em que estava e a questiona-la:

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo. (COLASANTI, 2006 p. 13).

A tecelã decide, então, desfazer de sua criação, objetivando trazer de volta a paz e os dias em que, apesar de solitária, ela podia dedicar-se a construir uma vida livre de cobiças.

É a partir de situações como estas que as protagonistas de Marina Colasanti ganham seus diferenciais. Diferentemente das princesas dos contos clássicos, “A Moça Tecelã” é capaz de quebrar a situação de resignação em que está vivendo, uma vez que a mesma situação foi, em algum momento, construída por ela.

3.2 O Querer da Mulher em “Onde os Oceanos se encontram”

O conto intitulado “Onde os oceanos se encontram” vem contar a história de Lânia e Lisíope, duas ninfas que moram isoladas em uma pequena ilha distante. Ambas têm como ofício resgatar pessoas mortas encontradas no grande mar.

Onde todos os oceanos se encontram, aflora uma ilha pequena. Ali, desde sempre, viviam Lânia e Lisíope, ninfas irmãs a serviço do mar. Que, no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados” (COLASANTI, 2006 p. 43).

De todos os contos analisados, esse é o único em que as personagens recebem nomes próprios; nas demais histórias as personagens são denominadas de tecelãs, princesas, ninfas. Logo no início, observamos as características e as atividades que exercem as duas personagens:

Cabia a Lânia, a mais forte, tirá-los da arrebentação. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolvê-los nos lençóis de linho que ambas haviam tecido. Cabia a ambas devolvê-los ao mar para sempre. E, na tarefa que nunca se esgotava, passavam as irmãs seus dias de poucas palavras. (COLASANTI, 2006 p. 43)

As ninfas são seres mitológicos que compõem diversas lendas, nas quais se insere o amor como fator principal das histórias. Diante de tal rotina das personagens, o ponto de partida desta história se dá a partir da chegada de um homem que foi trazido pelo mar, e acaba sendo encontrado por uma das irmãs, Lânia, a ninfa de característica forte. Ao vê o rosto do homem pela primeira vez, a jovem fica completamente apaixonada, escondendo o mesmo da própria irmã.

Foi num desses dias que Lânia, vendo um corpo emborcado aproximar-se flutuando, entrou nas ondas para buscá-lo, e agarrando-o pelos cabelos o trouxe até a areia. Já estava quase chamando Lisíope, quando, ao virá-lo de rosto para cima, percebeu ser um homem jovem e lindo. Tão lindo como

nunca havia visto antes. Tão lindo, que preferiu ela própria buscar água para lavar aquele sal, ela própria, com seu pente de concha, desembaraçar aqueles cachos. (COLASANTI, 2006 p. 43)

Estando completamente apaixonada pelo rapaz, Lânia, solicita ajuda da Morte para que ela possa trazer de volta a vida do amado. Compadecida com o amor da ninfa pelo rapaz, a Morte atende seu pedido, trazendo-o assim de volta à vida. Porém, aquilo que Lânia tanto esperava, não aconteceu. O rapaz acaba se apaixonando por sua irmã, a delicada Lisíope: "Mas, em vez de sorrir só para ela que o amava tanto, desde logo sorriu mais para Lisíope, e só para Lisíope parecia ter olhos" (COLASANTI, 2006 p. 44).

Neste conto, percebemos que Colasanti desloca o papel da princesa e apresenta, na figura da ninfa, duas formas de representação do humano, dois lados que são inerentes e essenciais a essa representação. Assim, vendo que poderia perder seu amado para sua irmã, Lânia objetiva matar Lisíope e para que tal fato aconteça, a ninfa novamente pede ajuda da Morte para que possa por um fim na vida de sua irmã: "E, quando a Silenciosa chegou, em pranto e raiva pediu-lhe que atendesse só ao último de seus pedidos. Levasse a irmã. E mais nada queria" (COLASANTI, 2006 p. 44).

Porém, sua vingança não procede, pois Lânia acaba adormecendo e dessa forma não percebendo a ida do rapaz ao encontro de Lisíope, resultando assim na morte dos dois apaixonados.

Mas não correu muito. Diante de seus passos, estampada na areia, deparou-se com a forma de dois corpos deitados lado a lado. A maré já havia apagado os pés, breve chegaria à cintura. Mas na areia molhada a marca das mãos se mantinha unida, como se à espera das ondas que subiam. (COLASANTI, 2006 p. 46)

Apesar da premissa dessa narrativa ser a rivalidade entre duas irmãs, fica claro que o foco aqui é mostrar que a virtuosidade presente nas histórias tradicionais acaba por construir personagens que não podemos questionar e que também têm pouca relação de verossimilhança com as características humanas. A autora expõe para nós leitores os diversos vieses do caráter humano, capaz de chegar ao extremo para conseguir o que deseja.

3.3 A Mulher na Busca da sua Identidade em “À Procura de um Reflexo”

O terceiro conto analisado foi “À Procura de um Reflexo”, a narrativa vem contar a história de uma moça que numa manhã, ao se olhar no espelho, acaba não enxergando seu rosto. A premissa do conto desenvolve-se através dos percalços que a jovem faz até conseguir encontrar seu reflexo perdido.

“À Procura de um Reflexo” levanta questionamentos pertinentes para os dias atuais, ao mesmo tempo que rompe com o ideal de beleza intocável que uma mulher precisava ter para ser desejada, querida e considerada boa e virtuosa, nas histórias tradicionais.

De repente, uma manhã, procurando-se no espelho para tecer tranças, não se encontrou. A luz de prata, cega, nada lhe devolvia. Nem traços, nem sombra, nem reflexos. Inútil passar um pano no espelho. Inútil passar as mãos no rosto. (COLASANTI, 2006 p. 74)

Constatamos que Marina Colasanti vem propor como temática, neste conto, a busca da própria identidade, a aceitação que buscamos com a nossa imagem. Colasanti expõe tal ideia no momento em que a moça não se enxerga no reflexo: “[...] Por mais que sentisse a pele sob os dedos, ali estava ela como se não estivesse, presente o rosto, ausente o que do rosto conhecia” (COLASANTI, 2006 p. 74).

A partir daí, a jovem decide retomar os caminhos que percorreu, na possibilidade de encontrar a imagem perdida: “E se tivesse ficado esquecida no lago, onde ainda no dia anterior estivera se olhando? Em susto, correu pelos jardins, temendo pelo rosto abandonado, flutuando entre nenúfares” (COLASANTI, 2006 p. 74). Assim sendo, ela resolve visitar o lago onde esteve. Chegando ao local, o lago afirma que não é capaz de obter as respostas que ela deseja, então sugere que a jovem siga atrás do córrego, onde talvez ela possa encontrar uma resposta.

Não obtendo as respostas que queria no córrego, acaba sendo conduzida sem perceber a uma floresta, adentrando em seguida uma caverna obscura. Encontrando-se nesse lugar, a moça é surpreendida por um ambiente repleto de espelhos e bacias de prata cheias de água. De repente a jovem é surpreendida com a presença da Dona dos Espelhos, que prontamente a desafia a encontrar sua imagem perdida.

A moça então decide procurar em cada bacia, porém em cada uma delas encontra imagens que não a correspondem, nenhuma daquelas era a que ela buscava: “[...] a moça corre de bacia em bacia, chamando o próprio nome, procurando. E em cada quieto olho d’água se defronta com uma nova imagem, sem que nenhuma seja aquela que mais deseja” (COLASANTI, 2006 p. 78).

Colasanti nos leva a refletir sobre a busca da imagem perfeita, a busca da imagem que nos satisfaça e que satisfaça as outras pessoas. Já cansada de seus esforços a moça decide descansar, quando de repente a Dama dos Espelhos começa a procurar uma figura para sua face. Um reflexo que vem de uma das bacias começa a chamar sua atenção, e em seguida a Dama decide despejar toda água com o reflexo sobre seu rosto, fazendo surgir uma imagem de feições jovens como nunca vistas antes.

Então, a Dama afirma para a moça: “Um reflexo é de quem sabe tomá-lo!”, desafiando-a a tal atitude. Num impulso de raiva, a jovem localiza seu rosto numa das bacias e o lança contra um dos espelhos do lugar. Nesse momento, de forma abrupta, a Dama desaparece, ocasionando sua fuga daquele ambiente cavernoso, assim que consegue chegar ao bosque, a moça vai ao encontro do córrego para beber água e consegue visualizar a imagem que tanto buscava.

É por meio de elementos clássicos dos contos de fadas, a exemplo do lago, o córrego, o bosque e a figura da Dama dos Espelhos, que Marina Colasanti tem o intuito de quebrar os estereótipos frequentemente associados a essas figuras.

Marina Colasanti busca representar, na moça, a mulher que não se encontra inserida nos padrões de nossa sociedade, tanto na questão da imagem, quanto na questão profissional e psicológica. Assim, no momento em que a jovem consegue coragem para vencer a Dama dos Espelhos na caverna, a sua imagem é finalmente encontrada, concretizando dessa maneira, o fim de sua jornada e a identificação da sua personalidade.

3.4 A Soberania Feminina em “Doze reis e a Moça no Labirinto do Vento”

O quarto e último conto a ser analisado possui como título, o mesmo nome do referido livro “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”. É das quatro histórias, a que mais possui elementos característicos dos contos clássicos.

O presente conto constitui de uma ambientação medieval, com a inserção de reis, castelos e, da mesma forma como nas narrativas anteriores, aqui temos uma jovem no papel principal da história, mais precisamente, uma princesa herdeira de um grande reino distante.

Marina Colasanti já nos deixa claro que não teremos uma protagonista passiva da sua situação, mas sim, uma mulher que consegue se impor e realizar seus desejos e anseios em uma época onde o machismo prevalecia na sociedade.

Inicialmente constatamos que a jovem está sendo protegida por um labirinto que foi construído pelo seu pai, levando a princesa a indagar sobre tal proteção que a circunda: “- Para que o labirinto, meu pai? – Perguntou a filha. – Para domar o vento – responde o pai -, que em cada quina se gasta, abranda o sopro, e sai afinal, leve, sem estragar as flores” (COLASANTI, 2006 p. 82).

Através de tal indagação é iniciado um processo de autoconhecimento, a jovem princesa começa a enxergar e analisar a realidade que habita em sua volta. No fundo do seu castelo, ela percebe que existem doze nichos de azulejos azuis, onde residem reis barbudos de mármore em cada um deles.

A partir de tal constatação, a princesa novamente questiona sobre o cenário que foi encontrado: “- Para que os reis, meu pai? – Para casar contigo, minha filha, quando chegar a hora.” (COLASANTI, 2006 p. 82). Diante deste diálogo, a jovem constata que seu pai está conduzindo sua vida e pretende decidir os caminhos que a jovem deverá tomar.

Diferentemente das princesas que aceitavam passivamente a situação em que viviam, a princesa dessa história não se submete ao primeiro pretendente que chega, pelo contrário, ela impõe condições para sua conquista. “- Caso com aquele que souber me alcançar – grita a moça, correndo para o labirinto” (COLASANTI, 2006 p. 83). E assim desfeito do mármore, o primeiro rei decide ir de encontro à princesa.

Devagar e tardio, o primeiro rei não consegue alcançar os passos ágeis da princesa, e entre idas e voltas por dentro do labirinto, o rei acaba se perdendo e voltando a forma de mármore novamente. Passado então o primeiro mês do ano, a moça olha para a segunda estátua onde se dispõe o segundo rei a ser seu pretendente.

Mais uma vez a princesa desafia seu aspirante, “- Caso com aquele que seguir meu rastro.” Diferentemente do primeiro rei, o segundo consegue ser mais

rápido, porém com tantos anos petrificado, seu olfato acabou se tornando inútil, não conseguindo sentir o perfume da moça e assim o segundo rei também não consegue lhe alcançar.

Surge então o terceiro mês e com o ele o terceiro rei, porém assim como os outros dois, ele não consegue tal façanha. Dessa forma, vai ocorrendo a mesma coisa com todos os outros pretendentes, e meses e meses foram passando. O ano está prestes a se concluir, restam apenas dois meses. O primeiro dos dois reis que restam desperta, enquanto o último fica no aguardo, "Com o homem que desvendar meu labirinto com esse eu casarei" (COLASANTI, 2006, p. 85). Mas ele também não consegue encontrar a princesa escondida no labirinto.

O último rei, porém, não segue seus passos, ele decide puxar sua espada e assim começa a podar as paredes do labirinto; após tantos golpes, todas as paredes se desfazem, não existindo mais labirinto no reino e conseqüentemente encontrando a princesa.

Vemos, assim, um deslocamento do papel feminino que tem, na figura da princesa, aquela que direciona a própria escolha. Os reis são agora os que ficam a espera de alguém para desperta-los. A princesa casa-se com aquele que se mostra mais corajoso e criativo, subvertendo a ordem dos contos tradicionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou analisar quatro contos da coletânea "Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento", da escritora Marina Colasanti, refletindo como tais histórias desconstruem a representação feminina dos contos tradicionais.

Por meio de uma autoria compromissada com a atualização dos contos de fadas e dos contos maravilhosos, observamos os deslocamentos ocasionados pelas personagens femininas das histórias modernas.

Para tanto, inicialmente foi apresentada uma rápida perspectiva sobre as mudanças ocorridas em nosso meio e como essas transformações se refletiram nas características das personagens principais. Mesmo no papel de protagonistas que, por vezes, nomeiam os contos de fadas, a representação da figura feminina é submissa e ligada aos anseios da sociedade patriarcal.

Por fim, realizamos as análises nos contos escolhidos na obra supracitada, onde percebemos que tais histórias apresentam protagonistas que assumem outros papéis nas narrativas, que tomam decisões, sejam elas boas ou ruins, humanizando a representação feminina nos contos e minimizando a necessidade de protagonistas sem voz, mulheres idealizadas pelos contos tradicionais. Demonstram na atualidade sentimentos ligados ao papel do humano tais como o inconformismo, o questionamento, a rebeldia, contrariedade e insatisfação.

Assim sendo, concluímos que os novos contos de fadas chegam para contribuir em novas reflexões e interpretações, levando o leitor a entender e amadurecer sua visão com relação ao mundo em que vivemos. Verificamos que a proposta de Marina Colasanti, em suas obras, é a de dar voz e reflexão às atitudes das suas protagonistas, com o intuito de intensificar a representatividade da condição feminina em nossa sociedade e contestar estereótipos, que estão impregnados nas obras infantis há muito tempo.

ABSTRACT

Throughout the centuries, fairy tales have been undergoing essential transformations in their compositions, associated with the various social and political changes that have taken place in our midst. In view of this fact, we seek in the present work to analyze about how the female character is represented in modern fairy tales, aiming to highlight the valorization and the new social roles that the woman represents in these stories. To do so, we will analyze four short stories by the writer Marina Colasanti: "The Maiden Weaver", "Where the Oceans Meet", "Looking for a Reflection" and "Twelve Kings and the Girl in the Labyrinth of the Wind" all published in the collection "Twelve kings and the Girl in the Labyrinth of the Wind (1982)". Through a study of analytical character, we are based on the theoretical framework of the authors Bruno Bettelheim (1980), Soares and Carvalho (2015), Mendes (2000), Duarte (2003), Hollanda (1994) and Alberti (2006), feminine representation proposed by the wonderful tales and its update to the current children's and youth literature. The present study gave us an effective observation about the differences and similarities in the construction and representation of the female characters when related to classic fairy tales and the new representativeness of the female image in our society.

Keywords: Fairy tales. Female representation. Marina Colasanti.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, P. Bastian. **Contos de fadas tradicionais e renovados: uma perspectiva analítica**. 130 p. 2006. Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação – Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1013?show=full>>. Acesso em maio de 2018.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Ilustrações da autora. 12.ed. São Paulo: Global, 2006.

DUARTE, C. Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. *Estud. av.* 2003, vol.17, n.49, págs.151-168. Signo [ISSN 0103-4014]. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>>. Acesso em: Abril de 2018.

MENDES, Mariza. **Em busca dos contos perdidos; O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

SOARES, L. M. Rosa. Carvalho, D. B. Aires. **A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti**. *Santa Cruz do Sul*, v. 40, n. 68, jan./jun. 2015, págs.75-83. Signo [ISSN 1982-2014]. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>>. Acesso em: Abril de 2018.

ANEXO A – A Moça tecelã



A MOÇA TECELÃ

A cordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lá cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.



Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou.

12

de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.



14

Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cómodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Destá vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz

13

ANEXO B – Onde os Oceanos se Encontram



ONDE OS OCEANOS SE ENCONTRAM

– Morte! – chamou em voz alta chegando na ponta.
– Morte! Venha me ajudar.

Não demorou muito, e sem ruído a Morte saiu de dentro d'água.

– Morte – disse Lânia em ânsia –, desde sempre aceito tudo o que você me traz, e trabalho sem nada pedir. Mas hoje, em troca de tantos que lhe devolvi, peço que seja generosa, e me dê o único que meu coração escolheu.

Tocada por tamanha paixão, concordou a Morte, instruindo Lânia: na maré vazante deveria colocar o corpo do moço sobre a areia, com a cabeça voltada para o mar. Quando a maré subisse, tocando seus cabelos com a primeira espuma, ele voltaria à vida.

Assim fez Lânia. E assim aconteceu que o moço abriu os olhos e o sorriso.

Mas em vez de sorrir só para ela que o amava tanto, desde logo sorriu mais para Lisíope, e só para Lisíope parecia ter olhos.

De nada adiantavam as insistências de Lânia, as desculpas com que tentava afastá-lo da irmã. De nada adiantava enfeitar-se, cantar mais alto do que as ondas. Quanto mais exigia, menos conseguia. Quanto mais o buscava para si, mais à outra ele pertencia.

Então um dia, antes do amanhecer, ajoelhada sobre a ponta da pedra, Lânia chamou novamente:

– Morte! Morte! Venha me atender.

E quando a Silenciosa chegou, em pranto e raiva pediu-lhe que atendesse só o último de seus pedidos. Levasse a irmã. E mais nada quieria.



nde todos os oceanos se encontram, aflora uma ilha pequena. Ali, desde sempre, viviam Lânia e Lisíope, ninfas irmãs a serviço do mar. Que no manso regaço da praia, vinha depositar seus afogados.

Cabia a Lânia, a mais forte, tirá-los da arrebatadação. Cabia a Lisíope, a mais delicada, lavá-los com água doce de fonte, envolvê-los nos lençóis de linho que ambas haviam tecido. Cabia a ambas devolvê-los ao mar para sempre.

E na tarefa que nunca se esgotava, passavam as irmãs seus dias de poucas palavras.

Foi num desses dias que Lânia, vendo um corpo emborcado aproximar-se flutuando, entrou nas ondas para buscá-lo, e agarrando-o pelos cabelos o trouxe até a areia. Já estava quase chamando Lisíope, quando, ao virá-lo de rosto para cima, percebeu ser um homem jovem e lindo. Tão lindo como nunca havia visto antes. Tão lindo, que preferiu ela própria buscar água para lavar aquele sal, ela própria, com seu pente de concha, desembaraçar aqueles cachos.

Porém, ao envolvê-lo no lençol ocultando-lhe corpo e rosto, tão grande foi seu sofrimento que, num susto, descobriu-se enamorada.

Não, ela não devolveria aquele moço, pensou com fúria de decisão. E rápida, antes que Lisíope chegasse, correu para uma língua de pedra que estreita e cortante avançava mar adentro.

Seduzida por tamanho ódio, concordou a Morte. E instruiu: deveria deitar a irmã sobre a areia lisa da maré vazante, com os pés voltados para o mar. Quando, subindo a água, o primeiro beijo de sal a aflorasse, Ela a levaria.

E assim foi que Lânia esperou uma noite de luar, quente e perfumada, e chegando perto de Lisíope lhe disse:

– Está tão linda a noite, minha irmã, que preparei tua cama junto à brisa, lá onde a areia da praia é mais fina e mais lisa.

E conduzindo-a até o lugar onde já havia posto seu travesseiro, ajudou-a a deitar-se, cobriu-a com o linho do lençol.

Em seguida, sorrateira, esgueirou-se até uma árvore que crescia na beira da praia, e subiu até o primeiro galho, escondendo-se entre as folhas. De olhos bem abertos, esperaria para ver cumprir-se a promessa.

Mas a noite era longa, na brisa vinha cheiro de jasmim, o mar apenas murmurava. E aos poucos, agarrada ao tronco, Lânia adormeceu.

Dorme Lânia na árvore, dorme Lisíope perto d'água, quando um raio de luar vem despertar o moço que dorme, quase a chamá-lo lá fora com todo o seu encanto. E ele se levanta e sai. E estonteado de perfumes caminha, vagueia lentamente pela ilha, até chegar à praia, e parar junto a Lisíope. No sono, o rosto dela parece fazer-se ainda mais doce; boca entreaberta num sorriso.

Sem ousar despertá-la, o jovem se deita ao seu lado. Depois, bem devagar, estende a mão, até tocar a mão delicada que emerge do lençol.

Sobe o amor no seu peito. Na noite, a maré sobe.
 Já era dia quando Lânia, empoleirada no galho,
 despertou. Luz nos olhos, procurou na claridade. Viu o
 travesseiro abandonado. Viu o lençol flutuando ao lon-
 ge. Da irmã, nenhum vestígio.

– A Morte fez o combinado – pensou, descendo
 para correr ao encontro do moço.

Mas não correu muito. Diante de seus passos, es-
 tampada na areia, deparou com a forma de dois corpos
 deitados lado a lado. A maré já havia apagado os pés,
 breve chegaria à cintura. Mas na areia molhada a marca
 das mãos se mantinha unida, como se à espera das ondas
 que subiam.

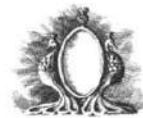


46



47

ANEXO C – À Procura de um Reflexo



À PROCURA DE UM REFLEXO

72

De repente, uma manhã, procurando-se no espelho para tecer tranças, não se encontrou. A luz de prata, cega, nada lhe devolvia. Nem traços, nem sombra, nem reflexos. Inútil passar um pano no espelho. Inútil passar as mãos no rosto. Por mais que sentisse a pele sob os dedos, ali estava ela como se não estivesse, presente o rosto, ausente o que do rosto conhecia.

– Imagem minha – murmurou aflita –, onde está você?

E se tivesse ficado esquecida no lago, onde ainda no dia anterior estivera se olhando? Em susto, correu pelos jardins, temendo pelo rosto abandonado, flutuando entre nenúfares.

– Lago, lago, que fez você com a imagem que ontem deitei na tua água? – perguntou. E duas lágrimas quebraram a lisura da margem.

– Como quer que eu saiba, se tantos vêm se procurar em mim? – respondeu o lago desdenhoso. – Talvez tenha sido levada pelo córrego, com outras miudezas – acrescentou. E com a fidalguia de quem ajeta um manto, ondeou a superfície bordada de reflexos.

Impossível para a moça encontrar sua imagem na espuma que o córrego batia de pedra em pedra. Impossível aceitar que estivesse despedaçada. Mais fácil acreditar que havia descido a corrente.

Descalçou os sapatos e, com os tornozelos trançados em tantos nós de água, seguiu pelo córrego. Em

74

cada remanso, em cada refluxo, em cada redemoinho procurou rosto ou rasto. Sem que porém nada lhe dissesse, esteve aqui. Juntos atravessaram um campo, rodearam em curvas as primeiras árvores da floresta, descansaram na clareira. Juntos entraram na caverna.

Nem bem percebeu que entrava, tão grande a boca, tão verde o musgo que a cobria. Andou ainda um pouco lá dentro, hesitante entre tantos rumos. Mas logo fez-se frito. E a escuridão ao redor. Gotas pingavam do alto, gemendo nas poças em que o córrego parecia desfazer-se. O medo, entre rochas, bateu asas. Por onde tinha vindo? Olhou em volta, procurou atrás de si. Tudo era tão semelhante que não conseguia reconhecer os caminhos. Só lá adiante, além dos arcos formados pela pedra, viu brilhar a claridade.

– Talvez por ali – pensou reconfortada.

Porém, superado o primeiro arco, e o segundo, chegando enfim à luz, a moça achou-se frente a um imenso salão de gruta onde centenas de espelhos cobriam as paredes, centenas de velas brilhavam acesas. E diante de cada espelho, sobre pedestais, repousavam bacias de prata.

Atraída por aquele estranho lugar, desceu dois degraus, caminhou até o primeiro pedestal, e já se levantava na ponta dos pés para olhar dentro da bacia, quando:

– Com que então veio me visitar! – riu-se estrepitosa uma voz, batendo de espelho em espelho.

76



75

Um susto, um salto. Só nesse momento a moça percebeu a Dama dos Espelhos, tão bela e cintilante que entre brilhos se confundia. Por um instante temendo aquela estranha senhora, desculpou-se, não sabia que ali morasse alguém, não pretendia...

– Mas eu gosto da sua visita – cortou a Dama com estranho sorriso. – Há tanto vivo aqui sozinha sem que ninguém venha me ver... Acho mesmo que você deve ficar!

E levantando a mão com um gesto de corisco, apontou para a entrada da gruta. Sem ruído, um espelho desceu barrando o caminho.

– E agora, jovem curiosa – ordenou a voz cortante –, olhe bem aquilo que tanto queria ver.

Assustada, debruça-se a moça sobre a bacia. Para descobri-la cheia de água, clara poça em que um rosto de mulher flutua. Não o seu. Pálido rosto sem tranças, que não a olha, encerrado no círculo de prata.

– De quem é este rosto, senhora? – pergunta a moça tentando controlar o visgo do espanto.

– É meu! – rompe em farpas a risada da Dama.

Súbito uma das velas se apaga. No espelho atrás dela, um rosto de mulher aparece e se inclina, oferecendo ao pente seus cabelos. Não ri mais a Dama. Exata, avança para o espelho, e quase sem tocá-lo colhe nos dedos as beiras da imagem, lentamente desprendendo-a do vidro. Por um instante, estremece no ar aquele rosto, logo pousado sobre a água, onde nunca mais penteará cabelos.

77

– Então foi isso que aconteceu com o meu reflexo – em ânsia, a moça corre de bacia em bacia, chamando o próprio nome, procurando. E em cada quieto olho-d'água se defronta com uma nova imagem, sem que nenhuma seja aquela que mais deseja.

Até que:

– Ah! – comanda a Dama, indicando.

Debruçada afinal sobre si mesma, traço a traço, irmã gêmea, a moça se reencontra. Mas por que não brilha de alegria os olhos que ela vê e não parecem vê-la? Por que não lhe devolve o sorriso a boca tão séria?

Ergue-se a moça, sem que o rosto na água lhe siga o movimento. Flutuam as tranças louras, como algas. E nada altera a expressão prisioneira.

– Por favor, senhora, devolva meu reflexo.

– Impossível! – lacera o grito da Dama.

E mais calma:

– Nenhum reflexo jamais saiu daqui.

Depois, no longo silêncio que se faz:

– Antes que a noite acabe, você compreenderá por quê.

A noite? Já é noite, então? Trancada na gruta entre velas acesas, a moça não sabe do tempo. Sabe apenas que não quer afastar-se de si mesma, deixar seu rosto sozinho na água fria. E ali, junto dele, sem ousar acariciá-lo com medo de romper-lhe os traços, deixa as horas passarem em silêncio.

Longe, num canto sombrio, a Dama parece ocultar-se, enquanto o tempo se gasta com a cera.

78

Assustada, a moça foge sobre cacos e poças, tropeça, se levanta, corre, pisando leve enfim o doce musgo.

Lá fora, na claridade da manhã que apenas se anuncia, o córrego mantém o antigo trote, água fresca e cantante que parece chamá-la. E a moça se aproxima, se ajoelha, estende o queixo, boca entreaberta para matar a sede. Mas no manso fluir da margem outra boca a recebe. Boca idêntica à sua, que no claro reflexo do seu rosto de volta lhe sorri.



80

Cochila quase a moça, quando de repente a Dama se move, saindo lá do canto. Mas entre luz e sombra outro é o seu porte. Encurvados os ombros, a cabeça pende, e mechas brancas escapam sob a coroa.

Trêmula, arquejante, a Dama anda entre espelhos e pedestais. Diante de cada bacia para quase poupando forças, olha, e segue. Nenhuma a detém longamente. Até que um reflexo parece atraí-la mais que os outros. E ela rodeia a prata com as mãos, num último esforço a levanta acima da cabeça, despejando lentamente a água sobre seu rosto.

Rosto que a moça boquiaberta vê transformar-se aos poucos, fazer-se jovem, dono das feições que antes boiavam em silêncio.

Ri a Dama, triunfante: – Um reflexo é de quem sabe tomá-lo! – desafia.

Sobe a raiva na garganta da moça, arrastando o medo. – Tome o meu então! – responde em fúria e gesto. E agarrando a bacia onde seu rosto bóia, a lança contra o espelho.

A água salta. Estilhaça-se a luz. Estronda a gruta, enquanto dos cristais a prata se espantia. O ar estala, extingue toda a chama. Esverdeando o rosto, as mãos engatinhando o peito, a Dama estremece, se escarna, se esvai. Um grito se estrangula. E estroçada no chão ela estertora.

De repente, silêncio e escuridão. Gotas pingam do alto. Um morcego esvoeja.

79

ANEXO D – Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento



DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO

Trezentas e sessenta e cinco quinas bem aparadas tem o labirinto de ficus no meio do jardim.

– Para que o labirinto, meu pai? – perguntou a filha.

– Para domar o vento – responde o pai –, que em cada quina se gasta, abranda o sopro, e sai afinal, leve brisa, sem estragar as flores.

Doze nichos de azulejos azuis têm no fundo do jardim. E em cada nicho um rei barbudo, de mármore.

– Para que os reis, meu pai?

– Para casar contigo, minha filha, quando chegar a hora.

De olhos fixos sempre abertos, olham diante de si os reis barbudos. E frente ao seu olhar passa a filha e repassa, crescendo no jardim. E passa o tempo que eles não sabem contar.

Até que um dia, já moça, diz a filha bem alto:

– Este ano, meu pai, sem falta vou casar.

Não olha para os reis. Mas é para eles que fala, porque o ano é novo e a hora chegou.

Hora do primeiro rei que, desfeita a rigidez do mármore, desce do nicho em ferralhar de couraça. Brilha o aço do peito, cintila o cetro, enquanto ele avança e, majestoso, pede a filha do pai em casamento.

Mas não é o pai que responde.

– Caso com aquele que souber me alcançar – grita a moça, correndo para o labirinto.

Lento e tardo, sentindo ainda no corpo o peso de estátua, vai o rei atrás dela. Mas seus pés calçados de ferro não conseguem acompanhar os passos ágeis que conhecem o caminho. Por mais que a procure, só o vento parece esperá-lo nos cantos, abocanhando-lhe as pernas, esfriando aos poucos a couraça. E enquanto ele vai e volta sobre suas próprias pegadas, perdido entre quinas iguais e falsos corredores, o frio sobe no seu corpo, toma a pele e a carne, congela o sangue, devolvendo ao mármore o que do mármore havia sido tomado. Até paralicá-lo na antiga posição, estátua novamente.

Do outro lado do labirinto, a moça sai sozinha.

Um mês se passa na calma do jardim. À espera de que o chamado venha tirá-lo da sua imobilidade, olha o segundo rei para a moça, enamorado.

– Este ano, meu pai, na certa vou casar – diz ela enfim.

E o rei desce do nicho disposto a conquistá-la. Traz um galgo preso na coleira. E a vontade de amar solta no peito.

– Caso com aquele que seguir meu rastro – desafia a moça em voz alta, diante do labirinto.

Livre da coleira vai o cão, mais rápido que o dono. Mas tantos anos de mármore empedraram seu faro, e o focinho no chão só fareja cascalho. Em vão atia o rei seus sentidos, em vão tenta ele próprio adivinhar perfumes que nunca pôde sentir. Não há perfumes no vento que os acompanha e precede. Só o frio. E envoltos no

frio perdem rastro e esperança, perdem aos poucos as forças. Até deixarem-se tomar no seu abraço, rígidos e brancos, estátuas entre o verde.

Lá fora, sozinha, sorri a moça.

Passado um mês, ao terceiro cabe a sorte. Mas sorte não é, porque o vento a leva, deixando-o, como aos outros dois, prisioneiro do labirinto.

E o outono traz a vez de outro rei, e de outro depois dele, e de outro ainda. Cada qual cheio de certeza abandonando o mármore do nicho. Para encontrá-lo adiante, além das folhas.

Seis meses se foram. E seis reis. No ar frio do inverno avança o sétimo, valente, arco e flechas ao ombro.

– Caso com aquele que cortar meu caminho – atira-lhe a moça sem pressa, à entrada do labirinto.

Entre as paredes de ficus, o rei retesa o arco, firma a flecha na corda, firma o olho na mira, a mão bem firme. E parte a flecha rumo ao rumo da moça. Mas não é ao rumo que chega. Tomada pelo vento, estremece, desfaz a perfeição do voo, e vai perder-se, inútil, entre galhos.

De nada adianta a pontaria do rei. A cada nova tentativa o vento sopra mais forte, lançando as flechas longe do seu destino, impedindo-as de acertar o alvo. Gastas todas as oportunidades, vazia a aljava, o arqueiro sabe que também se perderá.

E vem o rei seguinte. E aquele do seu lado. E do décimo rei faz-se a hora.

84

quinas se desfazem. Até que não há mais labirinto, só folhas espalhadas. E a moça. Que livre, no gramado, lhe sorri.



86

Sobre a mão enluvada traz pousado um falcão, a cabeça fechada no capuz.

– Caso com aquele que caçar a minha fuga – provoca a moça enquanto foge para o labirinto. Rápido, o rei tira o capuz, soltando o falcão que, como os da sua espécie, sobe em círculos para descer do alto sobre a presa. Mas o céu é luminoso demais para quem sempre viveu na escundão. E o falcão esquece a presa e o insinuíto, afastando-se no azul.

Abandonado no labirinto, o rei não tem mais como sair.

O ano está prestes a acabar. Só dois reis faltam agora. E dois meses.

Desce o primeiro dos dois. O outro espera. E quando a beleza da moça torna a passar, sozinha, ele sabe que chegou a sua vez.

Último rei de bela barba avança, espada na mão.

– Com o homem que desvendar meu labirinto, só com esse eu casarei – diz ela procurando-lhe o olhar. E devagar some entre muros verdes.

Mas o rei não a segue, não procura seu caminho. Com toda a força que séculos de mármore lhe puseram nas mãos, desembainha a espada, levanta a lâmina acima da cabeça, e zapt!, abre um talho nas folhas, e novamente zapt!, corta e desbasta, e zapt! zapt! zapt!, esgalha, abate, arranca os pés de ficus.

Uiva o vento escapando pelos rasgos, fugindo a cada golpe. Sob a lâmina, trezentas e sessenta e cinco

85



87